

BALÕES COLORIDOS

Era uma vez um velho homem que vendia balões em uma pracinha. Evidentemente o homem era um bom vendedor, pois deixou um balão vermelho soltar-se e elevar-se nos ares, atraindo, desse modo, uma multidão de jovens compradores de balões.

Havia ali perto um menino negro. Estava observando o vendedor e é claro, apreciando os balões. Depois de ter soltado o balão vermelho, o homem soltou um azul, depois um amarelo e finalmente um branco. Todos foram subindo até sumirem de vista.

O menino de olhar atento seguia a cada um. Ficava imaginando mil coisas. Uma coisa o aborrecia, o homem não soltava o balão preto.

Então aproximou-se do vendedor e perguntou:

- Moço, se o senhor soltasse o balão preto, ele subiria tanto quanto os outros?

O vendedor de balões sorriu compreensivamente para o menino, arrebitou a linha que prendia o balão preto e enquanto ele se elevava nos ares, disse:

- Não é a cor, filho, é o que está dentro dele que o faz subir.

Porque Deus não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração!

O SAPO E A COBRA” – LENDA AFRICANA

Esta fábula do folclore africano faz-nos refletir sobre como o mundo seria melhor sem os preconceitos que afastam as pessoas.

Era uma vez um sapinho que encontrou um bicho comprido, fino, brilhante e colorido deitado no caminho.

- Olá! O que você está fazendo estirada na estrada?

- Estou me esquentando aqui no sol. Sou uma cobrinha e você?

- Um sapo. Vamos brincar?

E eles brincaram a manhã toda no mato.

- Vou ensinar você a subir na árvore se enroscando e deslizando sobre o tronco - disse a cobra..

E eles subiram.

Ficaram com fome e foram embora, cada um para a sua casa, prometendo se encontrar no dia seguinte.

- Obrigada por me ensinar a pular.

- Obrigado por me ensinar a subir na árvore.

Em casa o sapinho mostrou para a sua mãe que sabia rastejar.

- Quem ensinou isso a você?

- A cobra minha amiga.

- Você não sabe que a família da cobra não é gente boa? Eles têm veneno. Você está proibido de brincar com cobras. E também de rastejar por aí. Não fica bem.

Em casa a cobrinha mostrou a mãe que sabia pular.

- Quem ensinou isso a você?

- O sapo meu amigo.

- Que besteira! Você não sabe que a gente nunca se deu com a família do sapo e...bom apetite! E para de pular. Nós cobras não fazemos isso.

No dia seguinte cada um ficou no seu canto.

- Acho que não posso rastejar com você hoje – pensou o sapo.

A cobrinha olhou, lembrou do conselho da mãe e pensou: “Se chegar perto, eu pulo e o devoro”.

Mas lembrou-se da alegria da véspera e dos pulos que aprendeu com o sapinho. Suspirou e deslizou para o mato.

Daquele dia em diante, o sapinho e a cobrinha não brincaram mais juntos. Mas ficaram sempre no sol, pensando no único dia em que foram amigos...

(Fonte: <http://grupoaugusto.sites.uol.com.br/evang/igualdade1.htm>)

Um Novo Vizinho

Quando soube que teria vizinhos novos, Ricardo ficou na expectativa: alguém da sua idade viria morar na casa ao lado? Não importava se fosse um garoto ou uma menina, mais novo ou mais velho que ele... Ricardo queria mesmo era fazer um novo amigo, alguém que morasse bem pertinho, para poderem brincar todos os dias.

Ao chegarem os novos moradores, ficou contentíssimo: havia um garoto, chamava-se Guilherme e era apenas um ano mais velho que ele.

Guilherme não podia andar com suas próprias pernas: ele usava uma cadeira de rodas. No início, Ricardo ficou triste por seu novo amigo. Tentou entender por que Deus havia permitido que um garoto, mesmo tão novo, vivesse em uma cadeira de rodas...

Ricardo sabia que Deus é muito justo e bondoso e que Ele ama todos os seus filhos, sem distinção! Ele tinha certeza de que havia um motivo para isso acontecer com Guilherme.

Com o tempo, Ricardo não ficou mais triste por Guilherme: ele percebeu que seu amigo não se entristecia por não poder andar! O garoto era sempre muito alegre e se esforçava muito para fazer as coisas sozinho, apesar de alguma limitação. Ele também sabia pedir ajuda, quando necessário. Gostava muito de aprender e de ajudar. Guilherme era feliz!

No futebol, como não podia correr, ele era o juiz; e comemorava alegre todos os gols! Nadava, tirava boas notas, passeava com os outros garotos, gostava muito de conversar.

Ricardo entendeu que seu amigo era um espírito muito corajoso para renascer com uma limitação física. E que se existem dificuldades, é para que a gente aprenda com elas (Guilherme mesmo lhe contou muitas coisas que tinha aprendido!)

Ricardo ficava muito contente em poder ajudar, e ser amigo de alguém que amava tanto a vida!

Seara Espírita nº 42 - Maio de 2002

Preconceitos

Luísa era uma garota meiga, simpática, muito esperta.

Seus pais eram muito felizes com ela; mas, desde que ela era bem pequenina, perceberam um pequeno probleminha no seu comportamento. Sabiam que se ele não fosse corrigido, poderia trazer sérias complicações no futuro. Eles notaram que Luísa demonstrava preconceito contra pessoas de outra raça, especialmente contra as pessoas negras.

Os pais Juca e Heloísa, espíritas que eram, jamais manifestaram qualquer forma de preconceito ou incentivaram esse tipo de comportamento na filhinha querida. Através da Doutrina Espírita, eles sabiam que todos nós somos seres reencarnados, trazendo de vidas passadas nossas qualidades e também nossos defeitos, que podem se manifestar ainda quando somos bebês.

Os pais são responsáveis pela educação dos filhos, esforçando-se para que aquele espírito que reencarna na sua família supere suas imperfeições morais. A esse trabalho eles estavam se dedicando, através de suas palavras e exemplos.

Eles também explicaram à filha que pela reencarnação nós podemos nascer como homem ou mulher, negro ou branco, rico ou pobre, não havendo motivos para o preconceito. Mas parece que aquilo pouco adiantava; Luísa continuava não gostando das pessoas da raça negra.

A família de Luísa era de poucas posses materiais mas, apesar das dificuldades financeiras, decidiram matriculá-la em uma escola particular.

Apesar de gostar da escola, Luísa sofreu, na própria pele, como é ser discriminada pelas outras pessoas. Lá o preconceito das outras crianças era em relação a sua condição humilde e pobre, pois caçoavam de suas roupas simples, de seu pequeno lanche, feito com amor pela sua mãe.

As ironias, as gozações, as humilhações afetavam profundamente a pequena Luísa, a ponto de um dia ela brigar com as colegas, tentando agredi-las. Certamente ela iria apanhar, pois era uma contra muitas, não fosse a ajuda de um colega seu, o Júnior, um menino negro, filho de um conceituado advogado da cidade, que também já sofrera diversos tipos de preconceitos.

Júnior aprendeu que as pessoas que agem assim, isolando ou maltratando os outros pela cor de sua pele, pela sua situação financeira, pelo seu tipo físico ou pelo seu sexo, são pessoas infelizes, doentes da alma e que precisam de orientação.

Luísa, depois desse dia, fez uma grande amizade com Júnior e com ele aprendeu a nunca mais julgar os outros pela sua aparência externa, pois o que realmente importa é o que a pessoa é por dentro.

Juca e Heloísa ficaram muito contentes com a nova maneira de Luísa pensar. Ela teve que sentir na própria pele para aprender aquilo que seus pais estavam lhe ensinando desde cedo.

BIS nº 24 - Novembro de 2000

cor do amor A

Existem florzinhas brancas
Vermelhas e amarelas
As abelhinhas que voam
Vêm pousar em todas elas
Porque sabem que no mundo
Cada um tem uma cor
Pode ser azul ou verde
Mas por dentro é uma flor
Só o homem é que esquece
O que dizia Jesus

Não interessa a cor de fora
Lá dentro brilha uma luz
Retirado do livro
O Evangelho das Crianças Segundo o Espiritismo
Bertha M. de Andrade Vidili

(Enviado por Leila, participante sala Evangelize CVDEE)